

Poema na Garrafa

JOSÉ D'ASSUNÇÃO BARROS

intransitiva
• revista

PEQUENOS PRAZERES (v. 7, n. 1, 2023)

Poema na Garrafa

José D'Assunção Barros

Um mar acolhedor e calmo...
Saveiros dizendo sonetos,
Gaivotas batalhando
O peixe nosso de cada dia,
Jangadas...
(seriam navios?)

Ah ... e o Sol
No giro final da tarde!
Tão belo que nem sentimos
A luz que no corpo arde.

Olhando, cá do convés,
Sinto-me um Deus possante
(Como se fiscal eu fosse
Deste trecho de horizonte).
Escrevo em meu diário:
Tudo está em perfeito acordo
No projeto da Criação.
Se as gaivotas comem peixes,
Os peixes têm seu destino
E amam
seu próprio cardápio.

Os peixes: suas cores várias,
Seus tantos tamanhos tantos:
Finos, gordos, alongados;
Pulsantes, vibrantes, elásticos;
Portadores de moleza
Ou de eletricidade.
Formas? As mais diversas:
Estranhas, desconcertantes.
Seus formatos de peixe-gato,
Seus moldes de peixe-estrela,
Seu vigor de peixe-espada!
– Haverá um peixe-estrada?

Mas eis que então acontece,
No mais súbito repente!
Por decisão de um botão,
Ou de um pavio demente,
O espaço-tempo se quebra
Em um momento premente,
Traíçoeiro,
tão quanto inclemente.

O navio se vai,
Sugado por um torpedo.
Trezentas almas explodem,
Ou afundam
Na boca dos peixes-algo.

E ali estou eu,
(Agora, por fim, tu sabes),
Semimorto,
Sob a Morte e Sobre a Vida
Por enquanto, sobrevivente.

Mar – acolhedor e calmo –
? Quem diria que a menos de um palmo
Trava-se um sangrento combate?
? Quem diria que sob o sal
Submarinos estrebucham,
E os peixinhos, dizimados,
Passeiam já sem vida
E em forma de cadáver?

Afogado em cruéis delírios
E úmidas divagações,
Do alto da meia-vida
Eu espero um dos meus destinos:

– Será a heroica luta
Contra um tubarão flamejante?
O infame afogamento
Por falta de força ou perícia?
A Fome? Esta que assalta
Não somente os mortos-náufragos?
Será a Sede que corrói por dentro?
Ou a tentação de beber do Mar
A água fatal-salgada?
Quem sabe, ainda,
a dilacerante contradição
Entre a umidade externa
E a secura dentro?
Será o Frio, talvez?

Os destinos de náufrago não são tantos,
Embora haja ainda os pequenos sonhos
De ilhas e de resgates.

Há o sonho de flutuar
– lentamente derivar –
Como se estivesses em um cruzeiro
Do qual serias o próprio barco.
E quase aportar, por fim, na praia
Na qual irás morar.

Há o sonho que culmina
No instante crucial,
Aquele em que te afogas
E a respiração te abandona,
Acolhe-te a jangada
– Ela mesma já equipada
Com balão de gás benigno.
E tu viras autor de relato!
Escritor de best-seller,
Entre tantos e muitos prêmios,
Ganhas o Nobel dos Náufragos.

E há o delicioso sonho
De um copo de água pura
Com carinho ao calor da nuca.
Vêm ambos da mesma fonte:
As mãos da bela mulher
Que o acaso te trouxe no iate
(No Mundo Melhor dos Mundos,
Tu te casas então com ela,
E viras o herói local
De três ou quatro gerações).

De minha parte,
Já não havia tanta arte.

Por certo pudor
Não lhes falo do meu destino,
Nem o ponho nesta garrafa.
Que querias?
Num rasgo de matemática
Calcular as coordenadas
Deste mar em movimento?

Contento-me em informar,
Nestes riscos do que fui eu,
Simplesmente que fui
– Que existi!
Que vivi e que morro agora
Como tu morres um dia.

Minha última paisagem:
O Mar – acolhedor e calmo...

Ah! Que saudade
Do instante em que não se tinha
A mentira desvirtuada!
E o Mar era bravo...
Melhor, que saudade
Do tempo em que não havia
Nem mar, nem morte, nem vida.

Sobre o autor

Professor-Associado de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ. Doutor em História pela UFF.